

O BRASIL A REBOQUE DA VENEZUELA

A análise dos interesses que subjazem sob a retórica ufanista da política atual do Itamaraty desvela que, em realidade, não é o Presidente Lula, mero coadjuvante, mas o Presidente Hugo Chávez o verdadeiro protagonista e titular incontestado da política de liderança na América do Sul.

A diplomacia pró-ativa justificada no objetivo da conquista de uma cadeira no Conselho de Segurança da ONU que coleciona os alvitreiros de viagens à África, Ásia e Europa, luta na OMC contra os subsídios empalidece frente ao asilo político concedido ao Presidente do Equador e a realização da Cúpula América do Sul-Países Árabes. Estes dois últimos não passam de um mote retórico quando cotejados com os interesses de estado da Venezuela e a veiculação da articulação ideológica de seu primeiro mandatário Hugo Chávez. O Presidente venezuelano, de longa data, faz uma oposição ideológica e política aos EUA, tanto a nível global como no hemisfério tornando-as factíveis através de uma reação geo-estratégica cujo eixo é centralizado na produção de petróleo. A Venezuela é grande produtor e membro ativo do cartel dos produtores de petróleo – a OPEP.

Hugo Chávez, de forma análoga à política adotada por Saddam Hussein, utiliza a riqueza de seu país, o petróleo, não na aceção de insumo submetido ao livre jogo do mercado, mas na significância de trunfo logístico e estratégico. Idealiza assim liderar uma reação dos produtores, entre eles a grande maioria árabe presente na cúpula de Brasília, a fim de submeter, não só os EUA mas os países da OCDE, famintos de óleo, ao jugo do monopólio organizado dos emergentes em defesa de suas teses nacionalistas. Desvelada a guerra do Iraque, cuja justificativa foi a posse de armamento nuclear e químico pelos iraquianos, objetivou-se a conclusão do óbvio ululante: a política de George Bush implantou no Iraque uma democracia cujo conceito de petróleo não se traduz mais como um fator vital e estratégico de pressão mas, isto sim, como conceito de acesso livre e ilimitado, aos eventuais compradores, de um insumo que, como qualquer outro, está sujeito às oscilações de preço e mercado.

O Brasil, pelo contrário, não é grande produtor de petróleo. Graças a Petrobrás, 17ª empresa mundial no ramo de produção e prospecção, está atingindo a tão suada e sonhada auto-suficiência. Somos ainda compradores. Nossas razões vitais de estado passam muito longe desta articulação geopolítica com ressaibo ideológico. Esta foi a infeliz opção de Saddam. Agora é a vez de Chávez: utilizar-se da barganha num negócio tão vital – comércio de petróleo – que hoje, face os riscos no corte de produção – e Chávez é um deles - catapulta os preços deste insumo vital para mais de US\$50 o barril. Jamais, na história do fornecimento de energia global, houve uma pressão tão letal exercida concomitantemente, não só sobre os balanços de pagamentos mas sobretudo sobre os consumidores dos estados do G8 e de igual forma também sobre o nosso país. Creio, por tudo, que sacrificamos a continuidade de nossa aliança vital no Cone Sul, em troca de uma aventura sob a batuta de interesses ideológicos escusos que não dizem respeito às razões de estado do Brasil. Prof. Sérgio Borja – Professor de Direito da UFRGS e PUC/RS.